

**ESTUDOS  
ARQUEOLÓGICOS  
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
1996

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho  
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras  
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta*

*On prie l'échange*

*Exchange wanted*

*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA DO MONTE DO CASTELO (LECEIA, OEIRAS)**

João Luís Cardoso<sup>(1)</sup>, José Norton<sup>(2)</sup> & Júlio Roque Carreira<sup>(3)</sup>

### **1 - INTRODUÇÃO**

Cerca de 800 m para Sul-Sudoeste do povoado pré-histórico de Leceia, ergue-se pequena colina de forma cónica, coroada por moinho em ruínas. Trata-se do Monte do Castelo, elevação constituída por basaltos muito diaclasados, com esboço de disjunção prismática, correspondentes à raiz de um aparelho vulcânico de idade neocretácica.

Tão evidente era, para RIBEIRO (1878), a importância estratégica da referida elevação, que a considerou como possível atalaia daquele importante povoado pré-histórico, apesar de não mencionar a recolha de quaisquer materiais arqueológicos que consubstanciasse aquela hipótese. O interesse arqueológico do local foi demonstrado apenas em 1969 por OLIVEIRA & BRANDÃO (1969), ao noticiarem os restos de uma sepultura colectiva (certamente uma gruta artificial, a julgar pelos testemunhos então observados). Dela apenas se conservava, na altura da descoberta, sector limitado da câmara do monumento, na frente da pedreira de calcário então em laboração, situada na encosta voltada a Noroeste do Monte do Castelo. Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, corresponde-lhe o n.º. 40 do inventário (CARDOSO & CARDOSO, 1993) e as seguintes coordenadas geográficas (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000, 430 Oeiras, 1977): Q 998 955 (Fig. 1).

O estudo do material osteológico humano então exumado foi já realizado (CARDOSO *et al.*, 1991); sobre uma amostra óssea, realizou-se datação pelo radiocarbono que conduziu ao seguinte resultado (CARDOSO & SOARES, 1995, QUADRO 1):

ICEN - 738 - 4630 ( $\pm$ ) 45 BP, correspondente aos seguintes intervalos calibrados:

- a um sigma - 3497 - 3351 cal AC;

- a dois sigma - 3509 - 3147 cal AC.

Trata-se de datas compatíveis com o Neolítico final. O pequeno número de deposições mortuárias permite concluir que a gruta terá sido utilizada em curto intervalo de tempo, provavelmente pelos primeiros habitantes do povoado pré-histórico de Leceia, cuja primeira ocupação remonta também ao Neolítico final (CARDOSO, 1995; SOARES & CARDOSO, 1995).

---

<sup>(1)</sup> Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

<sup>(2)</sup> Rua Tomás Alcaide n.º. 6. Alto de Santa Catarina. Dafundo.

<sup>(3)</sup> Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.

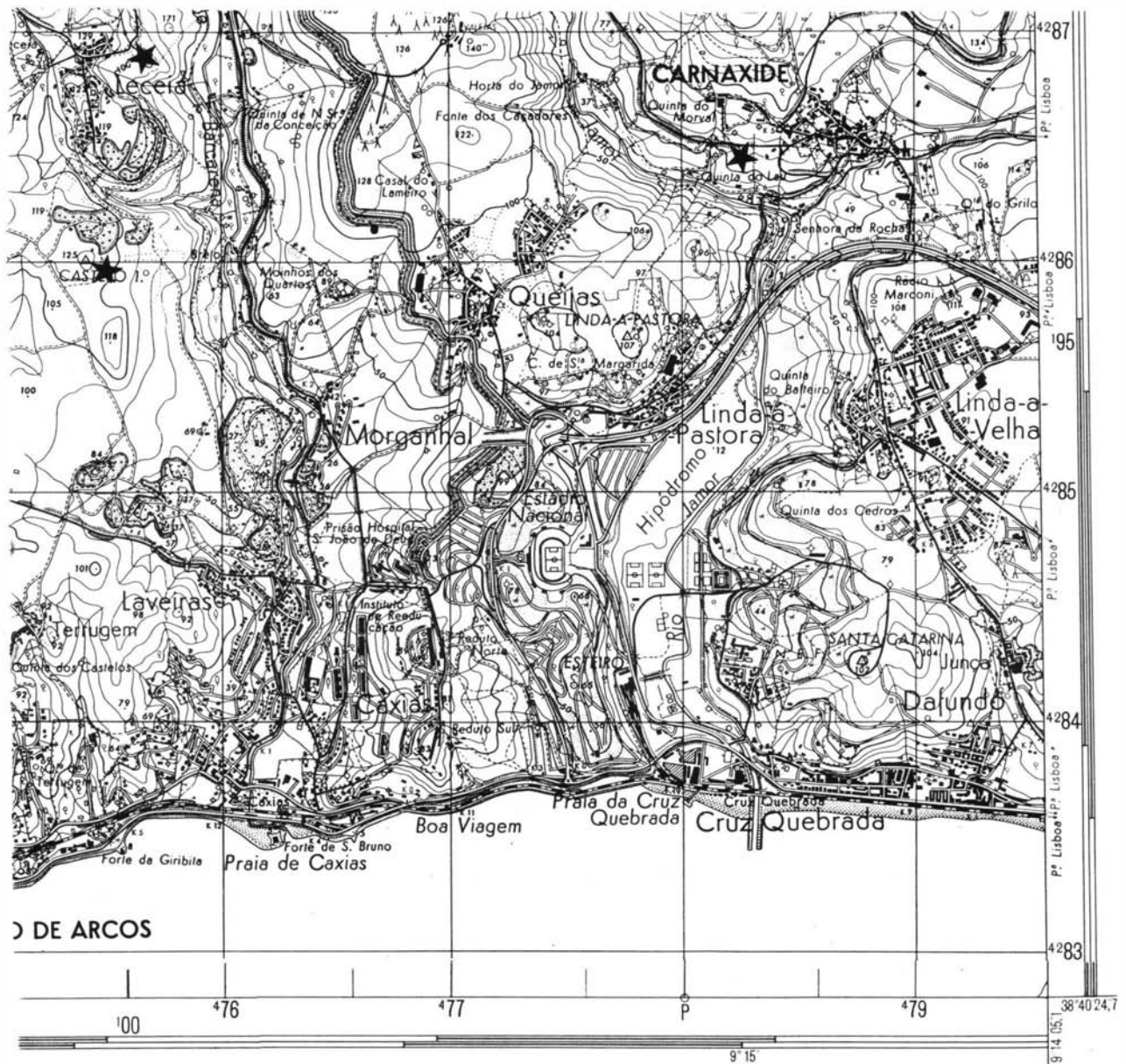


Fig. 1 – Povoados pré-históricos ribeirinhos do estuário do rio Tejo, do concelho de Oeiras, com ocupações campaniformes: à esquerda, o do Monte do Castelo e de Leceia; à direita, o de Carnaxide (extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha 430, Oeiras, S.C.E., 1970).

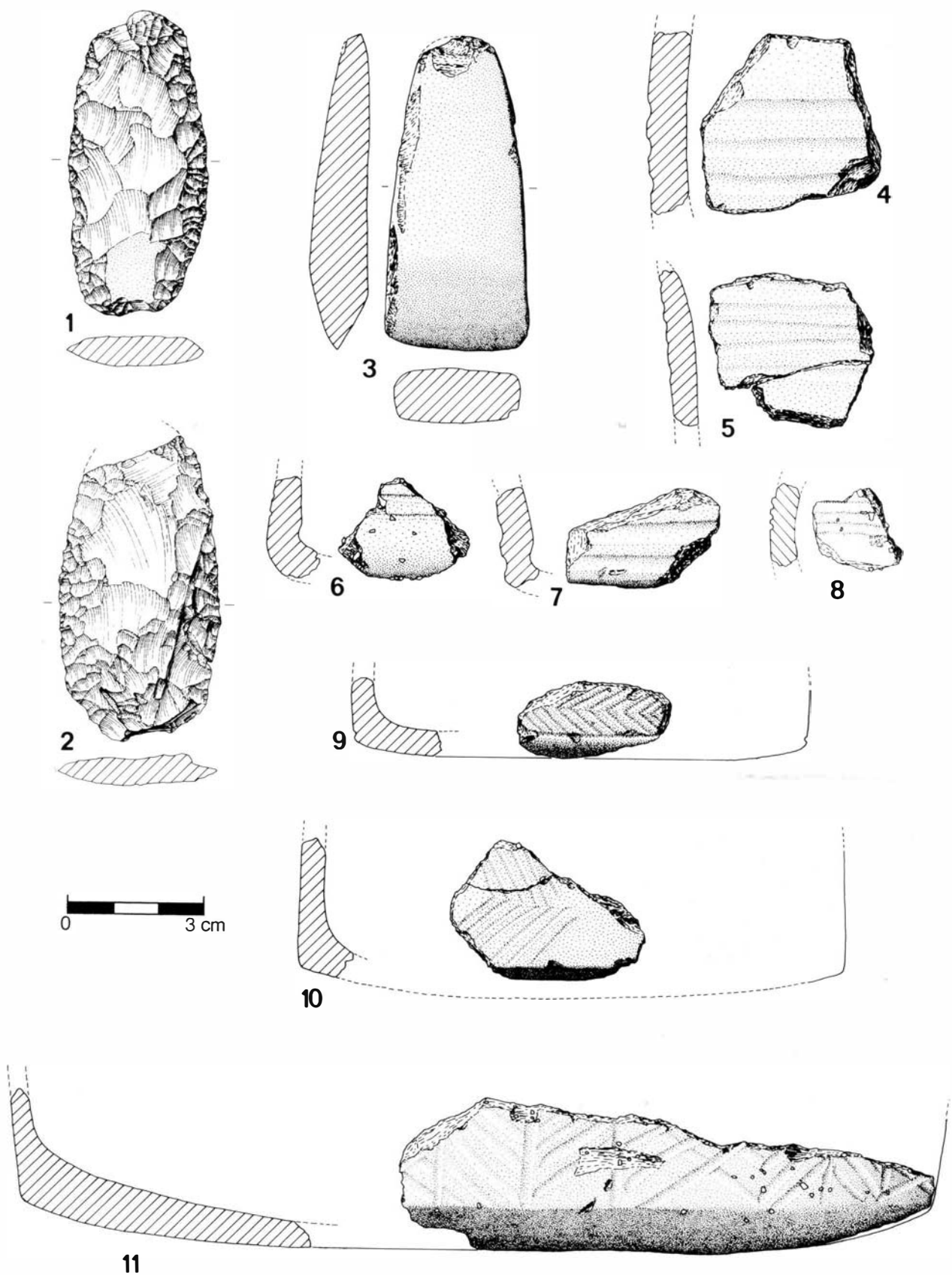


Fig. 2 – Monte do Castelo. Materiais líticos e cerâmicas decoradas do Calcolítico inicial.

No limite sudoeste da referida pedreira, actualmente entulhada, deparou A. Gonzalez com diversos materiais, líticos e cerâmicos, embalados em depósitos de “terra rossa” que fossilizavam as cavidades do lápias calcário (CARDOSO, 1980). Outras recolhas, efectuadas por dois de nós (J. L. C. e J. N.) permitiram confirmar a atribuição da referida ocupação ao Calcolítico inicial da Estremadura.

Com efeito, avultam, no espólio cerâmico restos dos característicos “copos” canelados, associados a fragmentos de taças com a mesma técnica decorativa (Fig. 2, nº. 4 a 11). O exemplar mais significativo, com decoração espinhada vertical (Fig. 2, nº. 11), foi encontrado perto de pequena enxó (Fig. 2, nº. 3) e de duas lâminas sub-elípticas de retoque cobridor (Fig. 2, nº. 1 e 2). Trata-se, em geral, de fragmentos de pequenas dimensões, que podem relacionar-se com numerosos rebotalhos de sílex cinzento correspondentes a uma oficina de talhe existente no local, idêntica a outra noticiada na zona (CARDOSO & COSTA, 1992); os produtos e subprodutos do talhe oriundos de ambas, ocorrem no povoado pré-histórico de Leceia denunciando as relações funcionais existentes entre si.

De um terceiro local, situado em pequena plataforma a Este do Monte do Castelo, provém a parte mais importante do material agora estudado (Fig. 1). Foi, em especial, uma estreita faixa de terreno, que se revelou muito rica em fragmentos de cerâmicas campaniformes que vieram à superfície em época recente, mercê de lavra, pela primeira vez realizada em profundidade; tal circunstância permitiu a sua recuperação (por J. N.), em quantidade e bom estado de conservação, nalguns casos viabilizando amplas reconstituições incompatíveis com prolongada exposição. Trata-se, pois, de situação que sugere a existência de uma ou mais unidades habitacionais, de carácter precário, ocupando área circunscrita, e a pequena profundidade, embora não atingida pelas lavras tradicionais, caso alguma vez elas ali se tivessem anteriormente efectuado.

## 2 - OS MATERIAIS CAMPANIFORMES

Todos os fragmentos recolhidos foram desenhados, por forma a se registar a globalidade das características do conjunto. Uma primeira conclusão avulta: a exclusiva presença da decoração incisa. Identificaram-se as formas a seguir inventariadas.

Vasos campaniformes – este tipo de recipientes encontra-se, sob reserva, apenas representado por dois fragmentos com decoração de bandas preenchidas obliquamente (Fig. 5, nº. 6; Fig. 6, nº. 3).

Taças hemisféricas – é o conjunto mais numeroso, constituído por um exemplar liso (Fig. 5, nº. 7) e por abundantes homólogos decorados (Fig. 3, nº. 1 a 3; Fig. 4, nº. 2 e 3; Fig. 5, nº. 5). Os exemplares das Fig. 4, nº. 2 e Fig. 5, nº. 5 são idênticos, exequando-se o número de linhas horizontais abaixo do friso superior, em “dentes-de-lobo”. Três dos exemplares restantes ostentam decoração metopada abaixo do bordo (Fig. 3, nº. 2 e 3; Fig. 4, nº. 3), prolongada por bandas horizontais preenchidas interiormente. O fragmento da Fig. 4, nº. 1, com idêntica decoração, poderá, igualmente, pertencer a uma taça. Um último exemplar mostra decoração constituída por ténues incisões em zigue-zague (Fig. 3, nº. 1), constituindo motivo raro no quadro desta forma.

Caçoilas – tanto quanto se pode verificar pelos fragmentos recolhidos, não se encontram presentes as caçoilas de ombro, sendo o conjunto dominado pelas caçoilas carenadas e pelas caçoilas de grandes dimensões, de bojo mais ou menos arredondado.

Caçoilas carenadas – trata-se de exemplares de pequenas dimensões, possuindo, pelo menos dois deles, faixas convergentes para o fundo, abaixo da linha da carena (Fig. 3, nº. 7 e Fig. 7, nº. 1). A parte superior do colo encontra-se decorada com motivos idênticos aos já observados nas taças (Fig. 3, nº. 9 e 10; Fig. 5, nº. 4; Fig. 7, nº. 1).

Caçoilas de grandes dimensões – nesta categoria inscrevem-se os exemplares das Fig. 4, nº. 4 e 5; Fig. 5, nº. 4; Fig. 6, nº. 9 e Fig. 7, nº. 2 e 3. Tal como nos dois tipos de recipientes anteriormente referidos – as taças e as caçoilas carenadas – as decorações iniciam-se por bandas verticais descontínuas de métopas ou de “dentes-de-lobo”. De salientar a sucessão de motivos decorativos patente no fragmento da Fig. 4, nº. 5, muito semelhante a exemplar de Montes Claros, Lisboa (HARRISON, 1977, Fig. 48, nº. 283). Outro motivo decorativo a referir respeita à ocorrência de pequenos quadrados soltos (Fig. 7, nº. 3), com paralelos em exemplares oriundos de pequenos *habitats* do baixo Tejo, como Casas Velhas,

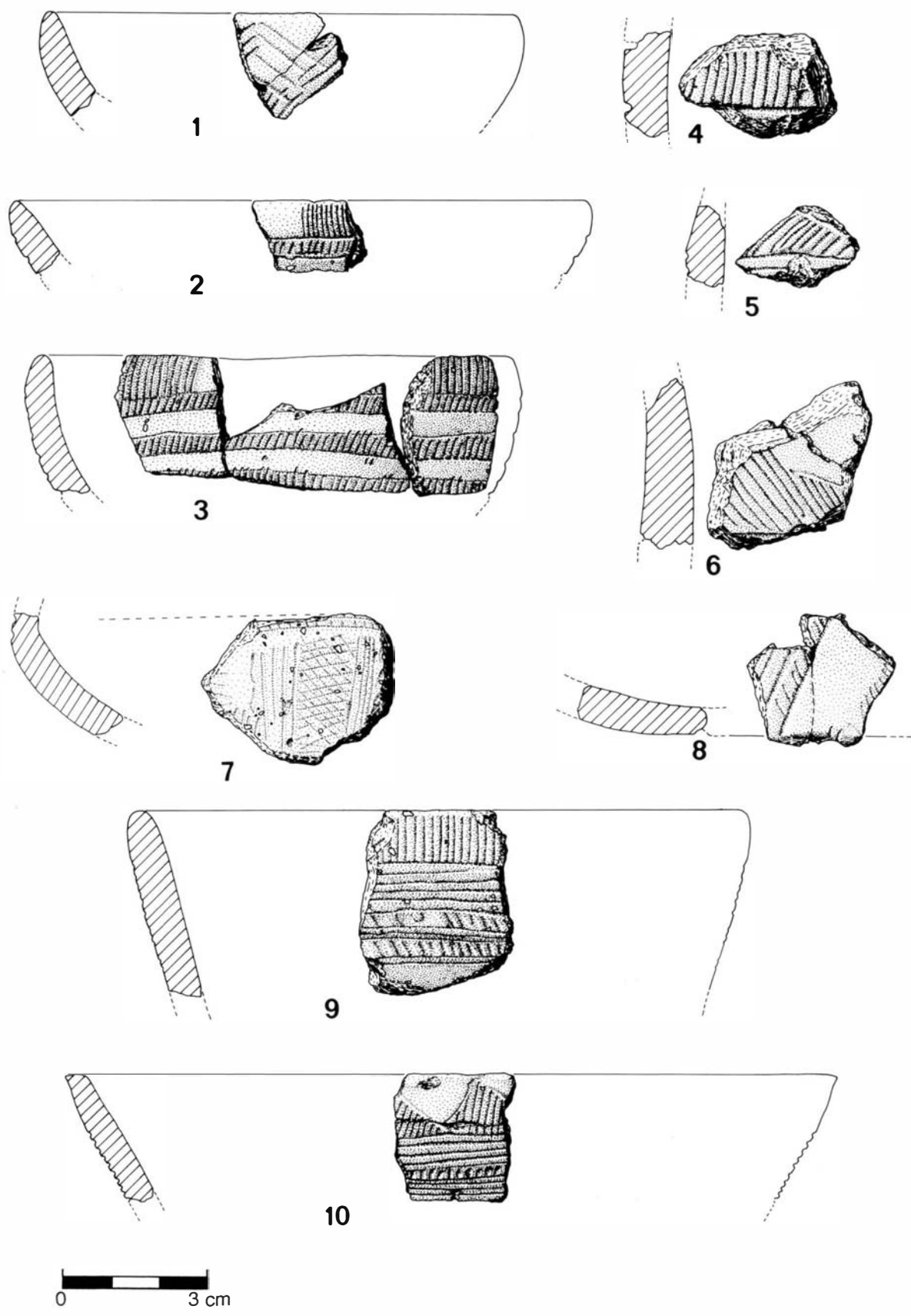


Fig. 3 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

Mafra (CARREIRA & LOPES, 1994, Est. 6, nº. 11) e de necrópoles da mesma região, como a de São Pedro do Estoril (LEISNER, 1965, Tf. 90, nº. 149) ou a da Praia das Maças (LEISNER, 1965, Tf. 48, nº. 15). Outra particularidade observável neste fragmento é o espessamento interno do bordo, pouco frequente neste tipo de recipientes.

Taças tipo Palmela – representadas por dois exemplares, de grande barroquismo decorativo (Fig. 6, nº. 10; Fig. 8, nº. 1), especialmente evidente no segundo exemplar, cujo lábio, notavelmente alargado, se encontra totalmente decorado. O primeiro exemplar encontra-se munido de furo de suspensão, com paralelos em taça da necrópole de São Pedro do Estoril (LEISNER, 1965, Tf. 92, nº. 156), ou noutra, do povoado do Alto do Montijo, Sintra (CARNEIRO, 1991, p. 236).

Garrafas – apenas um exemplar (Fig. 6, nº. 1) desta rara forma de cerâmicas campaniformes, excepcionalmente registada em povoados e necrópoles, facto talvez em parte explicável pela dificuldade de identificação de pequenos fragmentos a ela potencialmente pertencentes.

Formas indetermináveis – alguns fragmentos não permitem, pelas suas reduzidas dimensões, identificação da forma. Estão nestas condições os exemplares das Fig. 3, nº. 4 a 6 e 8; Fig. 4, nº. 1; Fig. 5, nº. 1 a 3 e 6; Fig. 6, nº. 2 e 4 a 8; Fig. 7, nº. 4; Fig. 8, nº. 2. Avultam os fragmentos de fundos, com decorações basais, constituídos por anéis circulares de onde por vezes divergem faixas radiais, que tanto poderiam pertencer a taças como a caçoilas (Fig. 5, nº. 2 e Fig. 8, nº. 2). De salientar, ainda, fragmento com motivo “flutuante” (Fig. 5, nº. 3), o qual evoca um corpo zoomórfico.

No conjunto, identificaram-se sete taças hemisféricas, das quais uma lisa, cinco caçoilas carenadas, seis caçoilas de grandes dimensões, duas taças tipo Palmela e uma garrafa, todas decoradas por linhas incisadas.

### 3 - RESTOS FAUNÍSTICOS

Associados aos fragmentos campaniformes, recolheram-se alguns restos faunísticos, correspondentes às seguintes espécies:

#### Fauna mamalópica

Classe Mammalia

Ordem Perissodactyla

Família Bovidae

*Bos taurus* L.

- um M\2 d, com desgaste médio;

- um M\3 e, com desgaste fraco;

- um M/1-2 com desgaste médio.

*Capra hircus* L. / *Ovis aries* L.

- um M\1-2 d, com desgaste médio.

#### Fauna malacológica

Classe Amphineura

Ordem Archeogastropoda

Família Patellidae

*Patella* spp.

- Treze fragmentos, quase todos completos.

Classe Lamellibranchiata

Sub-classe Teleosdesmacea



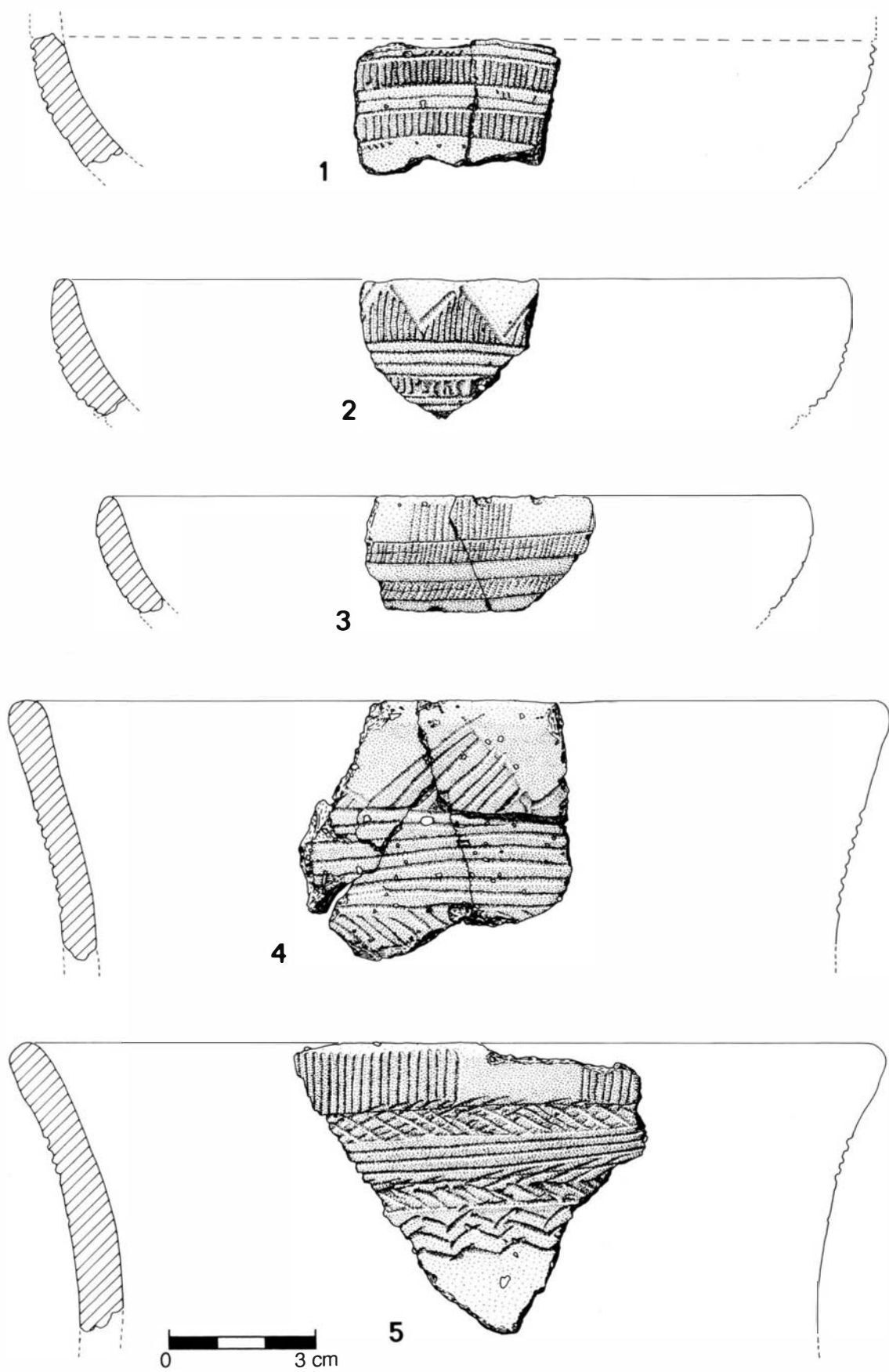


Fig. 4 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

Família Veneridae

*Venus verrucosa* L.

- Dois exemplares, um deles reduzido a pequeno fragmento.

*Venerupis decussata* (L.)

- Seis exemplares, dos quais apenas um completo.

#### 4 - INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICO - CULTURAL

O estudo dos materiais em apreço conduziu às seguintes conclusões gerais:

1 - O Monte do Castelo, além dos restos de um hipogeu do Neolítico final, revelou duas ocupações pré-históricas, bem diferenciadas, de carácter habitacional, uma reportável ao Calcolítico inicial, outra ao Calcolítico final (campaniforme), dando credibilidade à afirmação de Carlos Ribeiro de se tratar de local relacionado, no decurso do Calcolítico inicial, com o importante povoado pré-histórico de Leceia, situado 800 m a NNE, e do qual poderia constituir posto de observação ou vigilância, além de corresponder a oficina de talhe do sílex, destinado a ser utilizado, ulteriormente, naquele importante núcleo humano;

2 - A ocupação campaniforme, localizada em área circunscrita no sopé do Monte do Castelo é particularmente interessante, encontrando-se na origem directa deste trabalho. Corresponde a conjunto homogéneo, pertencente a pequeno grupo humano que, durante curto espaço de tempo, estacionou no local; aí desenvolveu diversas actividades domésticas, entre as quais a criação de gado bovino e ovi-caprino, complementando a sua dieta com a recolção de moluscos, no litoral adjacente, a menos de 3 km de distância;

3 - A tipologia dos recipientes campaniformes sugere duas finalidades principais: o uso na confecção e/ou consumo de alimentos, representado especialmente por recipientes abertos (pequenas taças hemisféricas e taças tipo Palmela) e a utilização na armazenagem, sobretudo ilustrada pelas grandes caçoilas e pela garrafa.

4 - A presença exclusiva da decoração incisa, atendendo ao numeroso conjunto recolhido, assume grande interesse no quadro das cerâmicas campaniformes do baixo Tejo e do baixo Sado. Com efeito, até ao presente não se tinha identificado nenhum sítio onde aquela técnica fosse exclusiva.

Admitimos que na distribuição das técnicas decorativas das cerâmicas campaniformes possa haver uma incidência, mesmo que parcial, de carácter geográfico, visto a técnica pontilhada dominar na região do Sado, em detrimento da técnica incisa. Porém, a ocorrência, em quantidades apreciáveis, de cerâmicas decoradas a pontilhado, associadas às incisas, em locais de carácter habitacional, forçosamente de “vida curta”, de características idênticas às do estudado e situados nas suas proximidades, como o Casal de Barrinhos (CARREIRA *et al.*, 1996) ou Leceia (escavações de 1996, inéditas), contrasta com a exclusividade que a temática incisa assume no local em apreço; mesmo em estações mais setentrionais e de idêntica natureza, do concelho de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996), embora predominem largamente as cerâmicas incisas, ocorrem sempre, se bem que residualmente, cerâmicas pontilhadas, tal como no importante sítio de Montes Claros, Lisboa (HARRISON, 1977). Tal constatação tem, no nosso entender, explicação sobretudo cronológica: bastaria o escasso tempo de uma geração, cerca de trinta anos, para fazer cair no esquecimento a tradição de tal técnica decorativa, a qual teria coexistido com a incisa, como comprovam, entre outros os sítios referidos.

5 - A ser assim, consideramos que o conjunto estudado corresponde a fase avançada ou mesmo terminal das cerâmicas campaniformes. Tal fase seria caracterizada pelo domínio notório da técnica incisa, aplicada sobretudo a caçoilas carenadas ou a caçoilas de grandes dimensões, taças hemisféricas e taças de Palmela, de lábio exageradamente alargado e ostentando decorações de marcado barroquismo. Em tal fase, estariam por completo ausentes as caçoilas de ombro, os vasos campaniformes e as taças de tipo Estoril, presentes em momentos anteriores, onde era mais frequente o recurso à decoração a pontilhado.

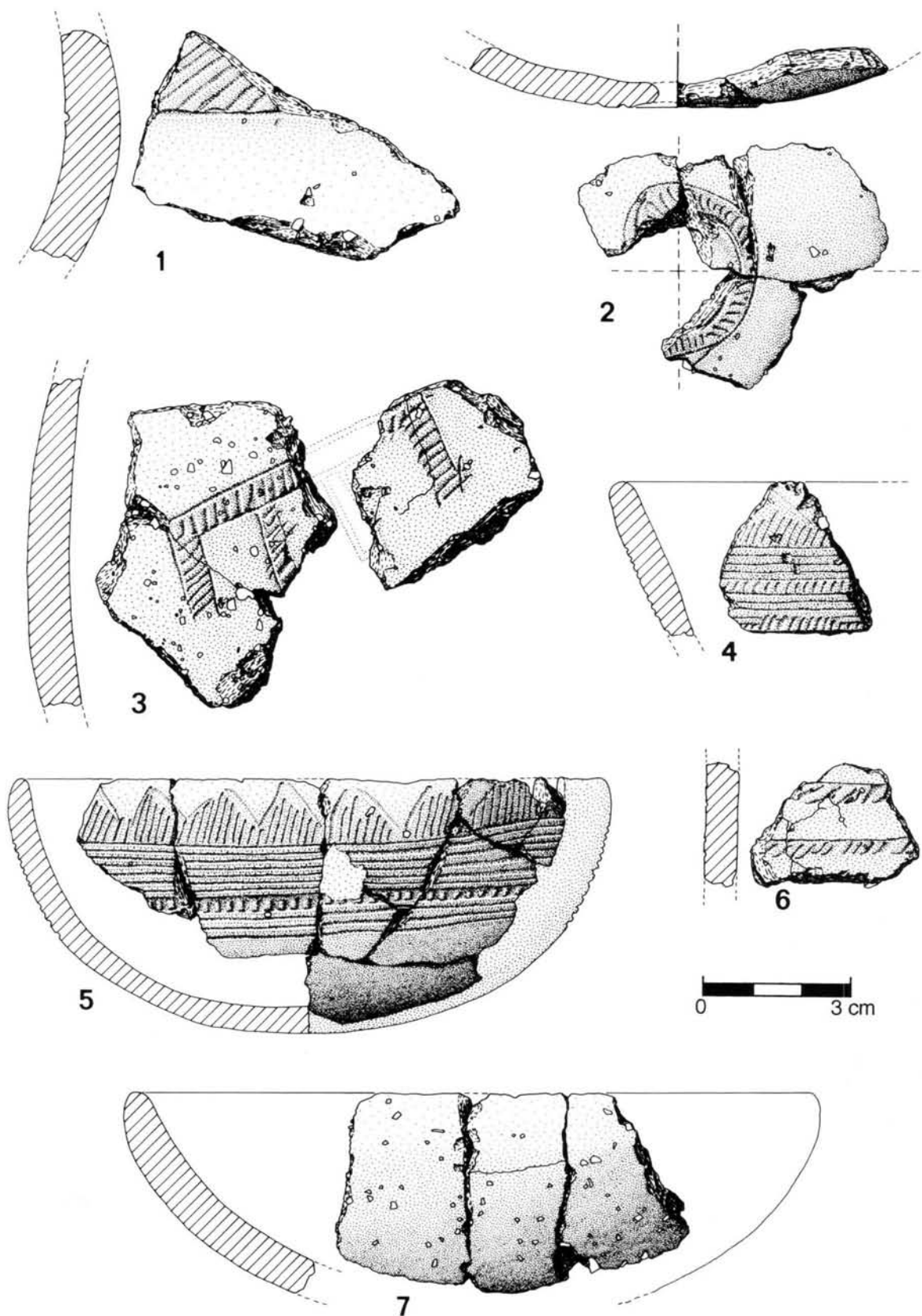


Fig. 5 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

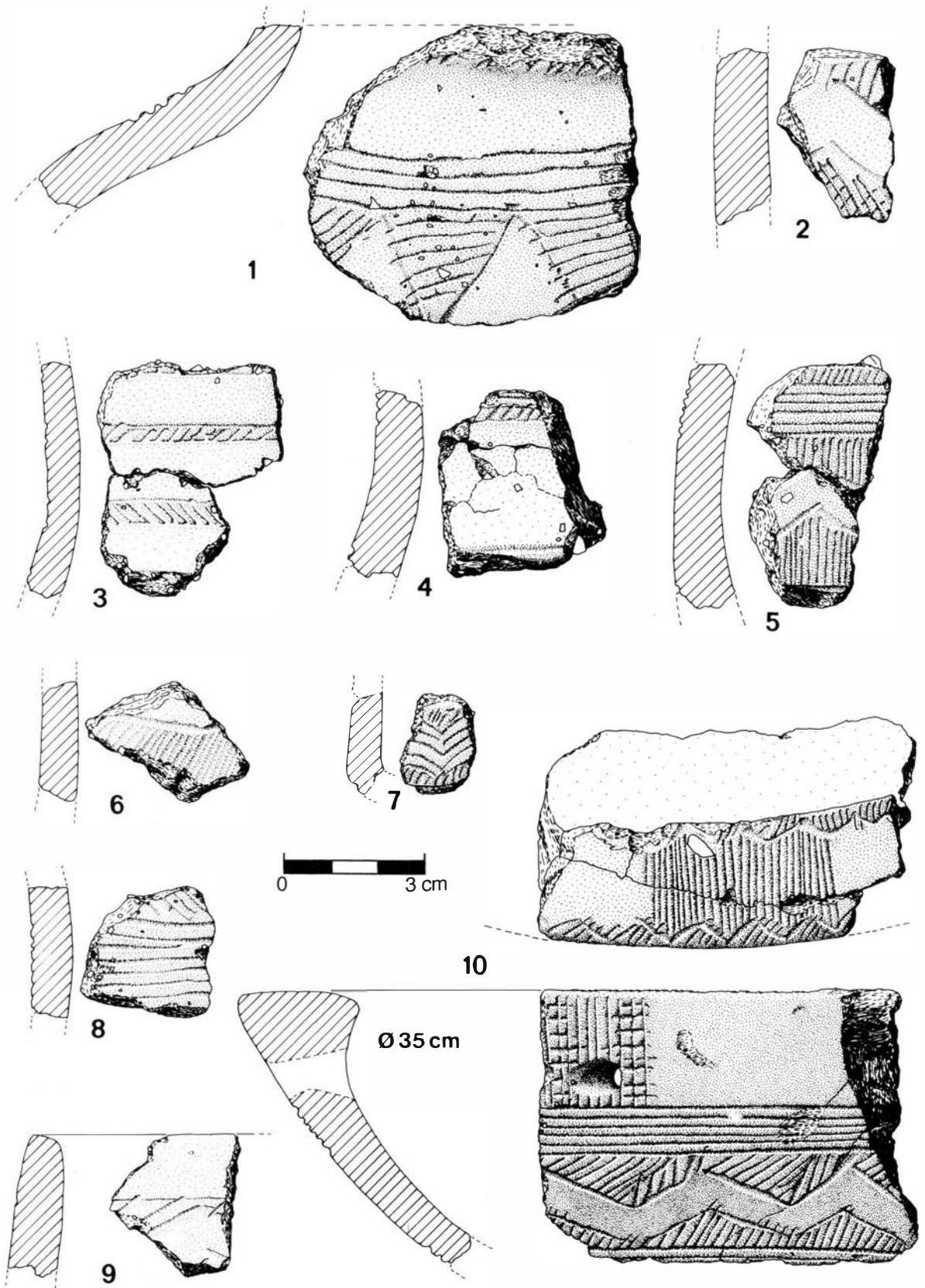


Fig. 6 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

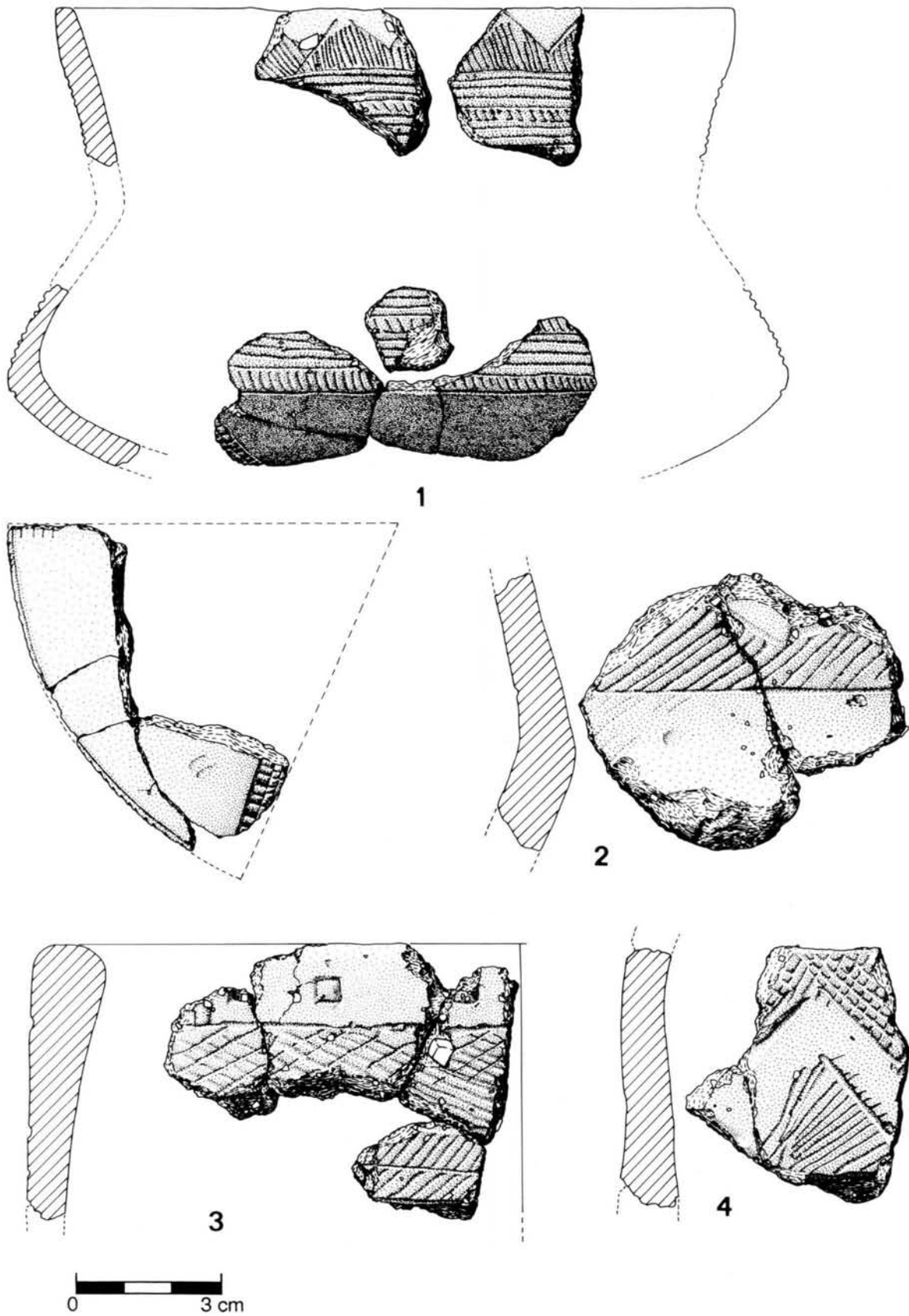


Fig. 7 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

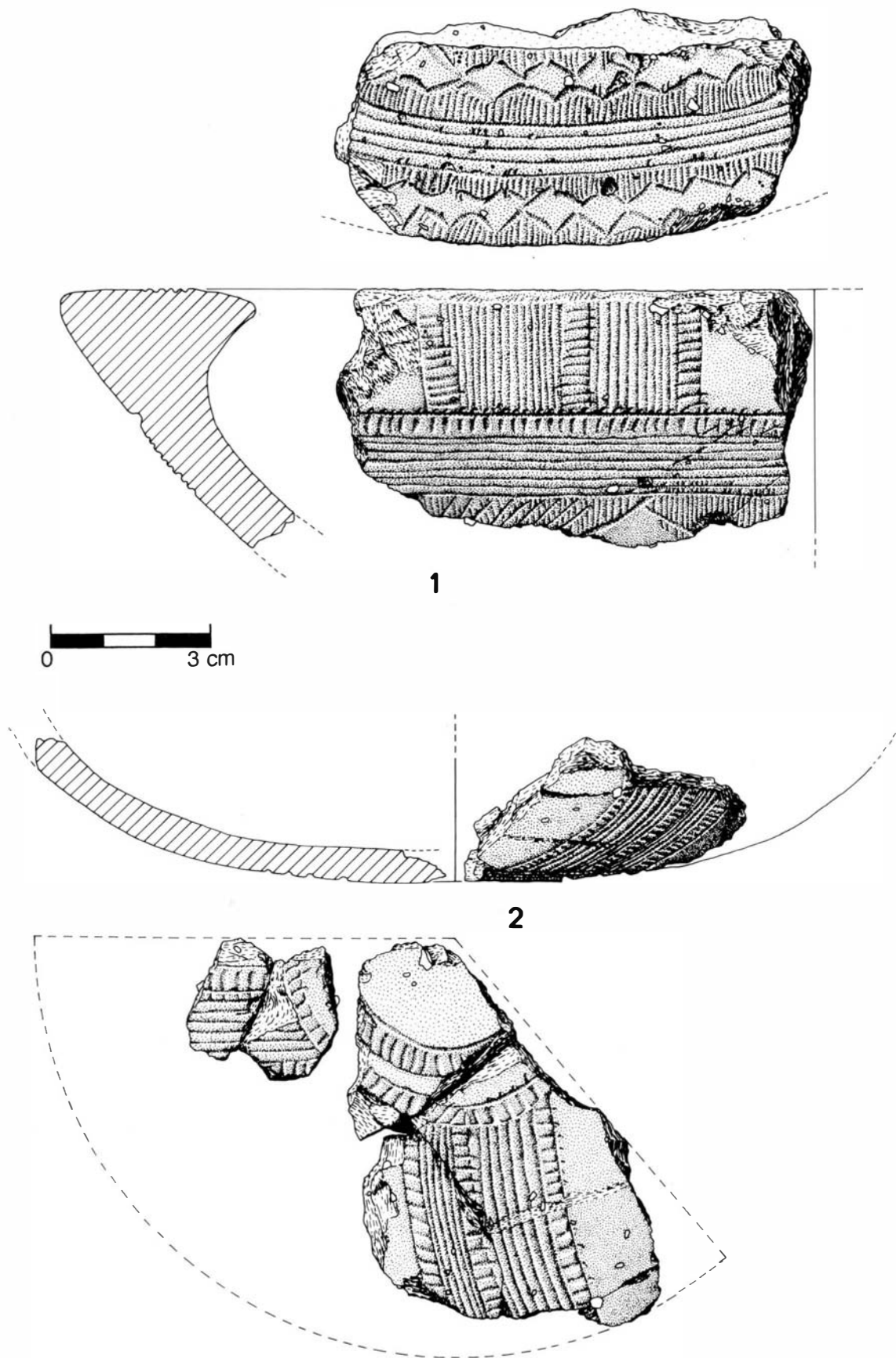


Fig. 8 – Monte do Castelo. Cerâmicas campaniformes.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal) - estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (1ª. Parte). *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1995) - *Leceia 1983 - 1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, p. 1-126.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. Roque (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & COSTA, J. L. B. (1992) - Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, Serie II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) - O homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 1-85.
- CARNEIRO, A. (1991) - Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 227-236.
- CARREIRA, J. R. & LOPES, F. P. (1994) - A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), p. 137-146.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) - A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 301-316.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistory Research, Peabody Museum. Harvard University.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Walter de Gruyter. Berlin.
- RIBEIRO, C. (1878) - *Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.
- SOARES, A. M. Monge & CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 263-276.